

A experiência com a Metodologia IRDI em creches: constituição de um sujeito

Aluna: Monique Scapinello (psicologia-UFRGS)

Orientador: Prof. Dra. Andrea Gabriela Ferrari

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo ilustrar um recorte da experiência da pesquisa-intervenção IRDI (Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil). O IRDI é um instrumento que avalia risco para o desenvolvimento infantil dos zero aos 18 meses e está dividido em faixas etárias – dos zero aos 4 meses, dos 4 aos 8 meses, dos 8 aos 12 meses e dos 12 aos 18 meses – e em quatro eixos teóricos - Suposição do sujeito (SS); Estabelecimento da demanda (ED); Alternância presença / ausência (PA) e Instalação da função paterna (FP).

Os indicadores representam a tentativa de traduzir sinais de risco em uma linguagem acessível e de organizá-los de modo prático, através de um formulário. Cabe salientar que “o indicador é como um signo que se relaciona com os demais numa rede discursiva ou em uma lógica simbólica, cuja leitura baseia-se nos eixos teóricos em torno dos quais eles foram construídos” (Kupfer & Voltolini, 2005, p. 360). A presença dos indicadores denota saúde, ao passo que a ausência indica risco psíquico ou de desenvolvimento. Para elucidar esta pesquisa, lançarei mão do dispositivo clínico da brincadeira a partir de um estudo de caso o qual indicadores ausentes nos eixos estabelecimento da demanda e alternância presença / ausência convocou as pesquisadoras a intervirem. Imprimimos, também, que o projeto tem relevância e impacto social, visto que aponta para a prevenção de risco psíquico e promoção de saúde mental na primeira infância.

OBJETIVOS

Investigar o impacto da Metodologia IRDI na prevenção de risco psíquico em crianças que frequentam creche no seu primeiro ano e meio de vida;

MÉTODO

- estudo de caso de um bebê acompanhado durante oito meses com a Metodologia IRDI.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Júlio* chamou nossa atenção por seu incessante choro acompanhado da necessidade de colar-se ao corpo das educadoras. Percebemos, também, uma impossibilidade na formulação do jogo simbólico, visto sua posição subjetiva anterior à construção do par de opostos presença/ausência. Ademais, notamos que o terceiro tempo do circuito pulsional (Laznik, 2010) não estava presente, pois o menino não se oferecia para o outro, apenas procurava seu corpo para sentir-se inteiro.

A partir destas observações norteadas pelos indicadores do IRDI, apostamos na brincadeira como intervenção. Sabemos que o brincar tem, para a criança, uma função estruturante. Através da brincadeira é possível abordar as formações de seu inconsciente (VIDAL, s/d). Para Jerusalinsky J. (2014) o brincar é sintoma constituinte do sujeito na infância. Com ele a criança produz resposta ao paradoxo da “antecipação simbólica – que situa, desde o inconsciente parental, seu lugar na filiação, sexuação e identificação – e a imaturidade real de seu corpo” (pg 232). Assim, ensaiamos com ele o Fort-Da (Freud, 2010/1920), jogo de presença-ausência, considerado um divisor de águas na posição do bebê perante seu Outro (Jerusalinsky, 2014). Apostamos em brincadeiras de esconder objetos e nossos próprios rostos, imprimindo um ritmo que auxiliou o menino a construiu suas primeiras simbolizações. Também, fizemos brincadeiras que permitissem a marcação simbólica de seu corpo e, conseqüente, a construção da imagem corporal, imitando *formiguinhas* ou *abelhinhas* percorrendo seu corpo, no intuito de Júlio iniciar trocas com o outro, iniciando o terceiro tempo do circuito pulsional (Lasnik, 2010).

Assim, pensamos que nossa intervenção com Júlio a partir do brincar o ajudou a sentir-se mais seguro na relação com as educadoras, bem como com os colegas. Ademais, percebemos que Júlio iniciou a demonstrar seus desejos e suas preferências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da Metodologia IRDI foi possível notar dificuldades no bebê nos eixos *estabelecimento da demanda* (ED) e *alternância presença/ausência*. As ausências de indicadores e nossa observação ajudaram a conduzir um trabalho mediante a brincadeira a fim de ajudá-lo em sua constituição psíquica. Rodolfo (1990), mostra que o brincar representa uma função constitutiva que permite à criança elaborar pontos potencialmente traumáticos. Desta maneira, vimos no brincar um importante dispositivo clínico e constituinte, o qual mostrou-se efetivo com o bebê, pois fomentou sua entrada na simbolização e na sua constituição como sujeito da pulsão.

Referencias

Freud, S. Além do princípio do prazer. In: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos. São Paulo: Cia das Letras, 2010/1920. p. 161-239.

Jerusalinsky, J. Jogos constituintes do sujeito. In.: A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê. Salvador: Ágalma, 2014. p. 231-271.

Kupfer, M. C. M., & Voltolini, R. Uso de Indicadores em Pesquisas de Orientação Psicanalítica: Um Debate Conceitual. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2005. 21(3), 359-364.

LAZNIK-, M-C. GODENTE MA NON TROPPO: O mínimo de gozo do outro necessário para a constituição do sujeito. Psicol. Argum. 2010 abr./jun., 28(61), 135-145

RODULFO, R. O brincar e o significante: um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

VIDAL, V. C. M. Questões sobre o brincar. Letra Freudiana, n. 9. Ano X. p. 43-49.